

# O (re)começo do marxismo althusseriano

LUIZ EDUARDO MOTTA\*

O pensamento filosófico e político de Louis Althusser, quando emergiu no início dos anos 1960, gerou inúmeras adesões e críticas apaixonadas pela sua leitura inovadora da obra de Karl Marx. Contudo, a partir dos anos 1980, a sua teoria era dada como “morta” e “ultrapassada”, dentro e fora do marxismo, o que resultou num “enterro” de sua teoria praticamente desaparecendo do cenário intelectual. Exemplo disso é a passagem do livro dos filósofos conservadores franceses Luc Ferry e Alain Renault *Pensamento 68*, no qual afirmam que “o althusserianismo, mesmo por meio dos discípulos de Althusser, aparece como algo muito ligado a uma época, assim como a música dos Beatles ou os primeiros filmes de Godard, a um passado próximo, mas ultrapassado” (Ferry e Renault, 1988, p.184). No entanto, em meados dos anos 1990, sobretudo depois da publicação da sua autobiografia *O futuro dura muito tempo*, e de vários textos inéditos, é retomado o interesse pela obra de Louis Althusser, sendo reintroduzido no debate filosófico e político atual. E como observa Emílio de Ípola, este processo segue, até o momento, aberto (Ípola, 2007). E, continuando com as observações de Ípola, distintamente dos anos 1960 e 1970 em que a teoria de Althusser era vista também como uma chave de compreensão para o momento revolucionário pelo qual diversas formações sociais estavam passando, hoje a sua obra tem despertado um interesse mais filosófico do que político, mais teórico do que militante (Ípola, 2007, p.21).

Pretendo neste artigo retomar a importante contribuição política que a teoria de Althusser ainda nos proporciona. Quero dizer que esse *recomeço* pelo interesse

---

\* Professor de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

de sua teoria, particularmente na sua contribuição ao materialismo aleatório e do acaso que tem despertado um novo interesse por parte das novas gerações à sua obra, não pode desprezar a sua importante contribuição no campo da filosofia política presente na sua obra inicial. Por isso, esse provocativo título, diretamente inspirado num artigo de Alain Badiou, “O (re)começo do materialismo histórico”, objetiva retomar a sua contribuição para a análise de conjuntura a partir do seu artigo “Contradição e sobredeterminação” publicado em *Pour Marx*, e que se desdobrou em outros trabalhos, como o artigo “Sobre a dialética materialista” e o livro *Ler O capital*. Desse modo, pretendo mostrar a importância significativa que ainda têm os seus conceitos de contradição e de sobredeterminação, principalmente na crítica de Althusser às concepções monistas e reducionistas de caráter economicista ainda presentes em algumas correntes do marxismo.

Para isso, este artigo foi dividido em duas partes: na primeira, distintamente de outros trabalhos como o de Ípola, e também o de Pascalle Gillot (2010), nos quais enfatizam a influência da psicanálise nesse estudo de Althusser, foco sim a contribuição do chamado “marxismo oriental” de Mao Tsé-Tung na constituição do conceito de contradição sobredeterminante, o que demarca uma aplicabilidade desse conceito nas situações revolucionárias das formações sociais do capitalismo periférico, ou subdesenvolvido, típico das ex-colônias. Na segunda parte, tratarei dos textos nos quais Althusser desenvolveu o conceito de contradição sobredeterminante e o papel-chave desse conceito na formação da teoria althusseriana do todo-complexo-estruturado com dominante e na autonomia relativa das instâncias nas formações sociais.

### **A influência do pensamento de Mao Tsé-Tung no marxismo althusseriano**

Apesar de as muitas críticas dirigidas a Althusser rotularem a sua obra de “teoricista”, é inegável a sua contribuição para a análise sobre as crises de conjuntura a partir do conceito de contradição sobredeterminante. A importância da junção do conceito de contradição com o de sobredeterminação é explicar que um processo revolucionário possui uma pluralidade de contradições e de determinações que ao deslocarem-se e fundirem-se, fomentam uma ruptura revolucionária em dada formação social. Em outras palavras, as revoluções não seriam derivadas de uma contradição redutível às relações de produção e às forças produtivas, ou à burguesia e ao proletariado, como defendem as concepções monistas/reducionistas, em especial a perspectiva economicista. Daí a sua ênfase – extraída de Lenin – sobre o “elo mais fraco da cadeia imperialista” como foi o caso da Rússia de 1917, como também podem ser inseridas nesse caso as revoluções da China, de Cuba, da Argélia, de Angola, de Moçambique, da Guiné-Bissau e da Nicarágua.

O ponto de partida teórico-político de Althusser encontra-se num texto de um dos principais dirigentes comunistas do século XX: *Sobre a contradição*, escrito por Mao Tsé-Tung em 1937. Há, de fato, um forte aspecto simbólico nessa escolha de Althusser, dado que o Partido Comunista Francês (PCF), do qual fora filiado, era

um dos partidos mais ortodoxos e vinculados à URSS, em um contexto marcado pela ruptura sino-soviética no início dos anos 1960, o que gerou a formação de diversas organizações comunistas revolucionárias identificadas com a perspectiva maoísta-chinesa.<sup>1</sup>

O texto de Mao *Sobre a contradição* de fato destoa das concepções reducionistas/economicistas e tece uma importante contribuição para pensar o momento político em que os países do Terceiro Mundo viveram a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Mao, com efeito, elabora uma “dialética da revolta” fundamental para pensar as relações internas das formações sociais e as suas diversas contradições. Para Alain Badiou, que, ao lado de Charles Bettelheim, era uma das principais expressões intelectuais maoístas na Europa nos anos 1970,

a verdade marxista é a que faz a revolta sua razão para abater o inimigo. Ela repudia toda igualdade diante da verdade. [...] As revoltas têm conhecimento, segundo seu movimento essencial já dado, de seu poder e de seu dever: aniquilar os reacionários. (Badiou, 1975, p.16-17)<sup>2</sup>

1 Essa tomada de posição teórica e política por parte de Althusser ao ter incorporado no seu texto *Contradição e sobre-determinação* a teoria de Mao Tsé-Tung sobre as múltiplas contradições numa formação social, gerou inúmeras críticas a Althusser por parte de outros intelectuais do PCF, a exemplo de Roger Garaudy, Gilbert Mury e Guy Besse. Em seu artigo de 1963, “Resposta a uma crítica”, Althusser refuta as posições críticas de Georges Cogniot (e também de outros como Lucien Sève) editor da revista *La Pensée*, das quais Althusser enumera seis: 1) a relação de Hegel-Marx; 2) a abundância de citações de Mao Tsé-Tung; 3) o conceito de contradição principal e de contradição secundária empregado por Althusser tomado de empréstimo de Mao; 4) o monismo; 5) a dialética da natureza; 6) a sobre-determinação (1997, p.368).

2 Apesar das mudanças de Badiou ao longo de sua produção teórica, ele nunca refutou a sua posição política maoísta, tampouco a contribuição teórica de Mao Tsé-Tung. Isso fica perceptível pelas citações de Mao em diversas obras como *Teoria do sujeito* e *Compêndio de metapolítica*. Em livros mais recentes – *Sobre a ideia do comunismo* e *A hipótese comunista* – Badiou não somente se reporta a Mao, mas também à experiência da Revolução Cultural chinesa. Isso está bem expresso no capítulo 2 (“A última revolução?”) do livro *A hipótese comunista*. Badiou considera que a Revolução Cultural chinesa foi uma tentativa mais radical na transformação das relações entre Estado-partido, principalmente durante o período de maio de 1966 a setembro de 1967, no qual a ala esquerda do PC chinês se impôs às tendências direitistas (representando uma nova burguesia), e constituiu o Programa dos 16 pontos onde definia novas formas de participação política pelas massas no processo de transição, a exemplo da criação da Guarda Vermelha e da fundação da Comuna de Xangai. Segundo Badiou, a Revolução Cultural foi uma “insubstituível experiência de saturação, porque nela houve um desejo violento de buscar um novo caminho político, de relançar a revolução, de achar as formas novas da luta operária nas condições formais do socialismo” (Badiou, 2009, p.126). Em *A ideia do comunismo*, Mao é explicitamente citado pela sua contribuição teórica para a crítica do stalinismo (cf. Badiou, 2010, p.27). Já em relação a Althusser, a posição de Badiou foi oscilante; enquanto no período dos anos 1960 esteve bastante vinculado às suas posições teóricas, nos anos 1970 demarcou uma ruptura com seu mestre na qual lhe teceu intensas críticas de teor político devido à ligação de Althusser com o PCF, e das posições vacilantes desse partido no contexto político francês/europeu (cf. Badiou, 1975, p.54-61). Contudo, em tempos recentes, Badiou vem reconhecendo a importância e o legado da obra de Althusser no cenário político/intelectual. Isso pode ser percebido em seu livro *Compêndio de metapolítica* no capítulo “Althusser: o subjetivo sem sujeito” onde afirma: “Sozinho, esse admirável esforço ainda não nomeado (pensar o subjetivo sem sujeito) merece que nós rendamos a Louis Althusser a mais

Para a compreensão da dialética materialista, Mao enuncia os seguintes aspectos a serem abordados: as duas perspectivas do mundo (a metafísica e a materialista), a universalidade da contradição, a particularidade da contradição, a contradição principal e o aspecto principal da contradição, a identidade e a luta dos aspectos da contradição e o lugar do antagonismo na contradição (Mao, 2011, p.525-526).

Um dos aspectos mais significativos desse texto teórico de Mao é a ênfase que ele dá ao papel central e decisivo das contradições internas nas formações sociais e na relação destas com as contradições externas, embora as internas sejam as decisivas para a eclosão e sustentação de um processo revolucionário numa formação social. Como observa Mao, “a dialética materialista considera que as causas externas constituem a condição das modificações, que as causas internas são a base dessas modificações e que as causas externas operam por intermédio das causas internas” (Mao, 2011, p.531). As contradições tanto têm aspectos particulares como universais e a sua universalidade tem duplo sentido: um que a contradição existe no processo de desenvolvimento de todas as coisas e o outro que no processo de desenvolvimento de cada coisa um movimento de contrários existe do começo até o fim. Ademais, todas as contradições são interdependentes. Essa interdependência decorre pelo fato de que a contradição fundamental influencia e determina as contradições principais e secundárias, tornando-as ou agudizadas, ou resolvidas, ou atenuadas parcialmente/temporariamente, enquanto outras vão nascendo. Por isso, de acordo com Mao, haveria distintas etapas do processo revolucionário, dado que haveria a formação de uma nova contradição principal em relação às secundárias (Mao, 2011, p.249). Há, portanto, uma interdependência de todas as contradições, formando uma realidade dotada de uma coerência dialética própria. Como observa Badiou em seu texto *Théorie de la contradiction*, “são sistemas de contradições cuja determinação qualitativa é definida pela sua subordinação a uma contradição principal” (Badiou, 1975, p.66).

Entretanto, Mao considera que não pode haver uma aplicação mecânica da contradição principal que existe nos países do capitalismo avançado nas formações sociais do Terceiro Mundo. É o caso de que a contradição entre o imperialismo e o país afetado (dependente e/ou colonial) torna-se a contradição principal, ao passo que todas as contradições entre as várias classes sociais dentro do país ficam temporariamente relegadas a posição secundária e subordinada. Assim, se em qualquer processo existem várias contradições, uma delas deve ser a contradição principal, desempenhando o papel decisivo de liderança, enquanto o resto ocupa posição secundária ou subordinada. Além disso, em qualquer contradição, o desenvolvimento dos aspectos contraditórios é desigual. Algumas vezes parecem

---

rigorosa homenagem. [...] É a ele também que nós devemos o ter rejeitado a visão humanista do laço, ou do estar-junto, que solda à ética teológica dos direitos uma visão abstrata, e finalmente submetida das políticas” (Badiou, 1999, p.82).

estar em equilíbrio, o que é, no entanto, somente temporário e relativo, enquanto a desigualdade é básica. Mas a situação do aspecto principal da contradição não é estática para Mao. O aspecto principal e o não principal de uma contradição se transformam um no outro e a natureza da coisa muda de acordo com isso (Mao, 2011).

Segundo Mao, há sempre uma identidade entre os aspectos contraditórios, pois um aspecto da contradição não pode existir isoladamente. Sem seu aspecto oposto, ele perde a condição para a própria existência. Cada contrário é a condição para a existência do outro. Mas isso é insuficiente para a definição da identidade entre os contrários, já que o mais relevante é a transformação de um no outro. Seria o caso de uma classe dominada se tornar dominante e vice-versa:

todos os contrários estão ligados entre si; não somente eles coexistem na unidade dentro de condições determinadas, mas também se convertem um no outro em condições determinadas, eis o sentido pleno da identidade dos contrários. (Mao, 2011, p.574)

Sobre a relação do antagonismo na luta dos contrários, é uma forma mas não a única. Para Mao, o antagonismo entre as classes existe como manifestação particular da luta dos contrários. As classes contraditórias coexistem por longo tempo nas sociedades e elas lutam umas com as outras; mas somente quando a contradição entre as duas classes se desenvolve até certo estágio é que ela assume a forma de antagonismo aberto e se transforma em revolução. As diferentes posições estratégicas existentes num partido comunista expressam as contradições de classe podendo, ou não, assumir formas antagônicas. Significa que o antagonismo não é mais do que uma das formas, e não é a única forma, da luta dos contrários, não se devendo empregar esse termo em toda parte (Mao, 2011, p.582).<sup>3</sup>

Na concepção de Mao, a negação da negação de fundo hegeliano seria uma espécie de decreto revogatório de qualquer transformação social, a contínua reposição do passado no presente, portanto, uma interdição perene à superação efetiva de um modo de produção. Em outras palavras, no chamado “momento da superação” inexistente o significado de ruptura e descontinuidade em relação a alguns elementos existentes nas sociedades pré-revolucionárias já que eles se manteriam em forma de superação nas fases de transição e pós-transição. Nessa concepção de ruptura histórica, Badiou afirma que o advento de um novo processo (de uma nova unidade de contrários) se faz pelo desaparecimento de um dos termos da

---

3 Em *Sobre o modo correto de lidar com as contradições em meio ao povo* de 1959, Mao Tsé-Tung reconhece que no período pós-revolucionário, ou de transição, a luta de classes permanece, seja pela remanescência dos antigos setores da burguesia, seja pela remodelação da pequena burguesia, inclusive dentro do Partido Comunista. Daí o lema de “deixar brotar cem flores, de competir cem escolas de pensamento” já que os campos político e ideológico são decisivos na batalha contra a permanência das antigas contradições de classes (Mao; Zizek, 2008, p.188-189).

contradição precedente, i.e., significa dizer a destruição de um dos termos pelo outro, o que acarreta necessariamente a divisão do termo vitorioso. É esta divisão que vai definir e reger o novo processo. A síntese é o processo de destruição/divisão (Badiou, 1975, p.65). Logo, para o maoísmo, a dialética materialista é uma *dialética da destruição*, ela permite pensar o processo de transição de um modo de produção a outro como o processo de transformação das relações de produção e das forças produtivas até então dominantes, por outras, de natureza completamente diversa (Naves, 2005, p.38).<sup>4</sup>

O texto *Da contradição* de Mao Tsé-Tung, com efeito, expressa uma leitura sobre a distinta realidade das formações sociais coloniais e semicoloniais do século XX que procuraram novas e diferentes formas estratégicas e táticas para o seu modelo revolucionário em relação às formações sociais do capitalismo avançado. Alain Badiou destaca em seu estudo que a teoria das contradições está totalmente implicada na sabedoria histórica das revoltas. Daí a dialética sempre existiu, como as revoltas. A dialética filosófica concentra a concepção do mundo dos explorados que estão contra o mundo existente e querem a sua mudança radical” (Badiou, 1975, p.26).

### **A contradição sobredeterminante**

A introdução dos conceitos de contradição e sobredeterminação constituíram a grande contribuição de Althusser para o materialismo histórico (ciência da história como ele mesmo define), notadamente para a análise sobre as crises de conjuntura das formações sociais. Para Pascale Gillot, o conceito de sobredeterminação, como também o de causalidade estrutural, ambos extraídos da psicanálise, ocupam uma função importante no projeto de uma releitura do marxismo e do materialismo histórico que restitua sua cientificidade, assim como sua originalidade teórica, releitura empreendida particularmente em *Pour Marx* e *Lire le Capital* (Gillot, 2010, p.11). Stuart Hall diverge de Gillot num aspecto, pois para ele

ao pensar sobre os distintos níveis e tipos de determinação, *Pour Marx* forneceu-nos aquilo que falta em *Lire le Capital*: a capacidade de teorizar sobre eventos

---

4 Complementando essa distinção da dialética materialista em relação à dialética idealista hegeliana, Bettelheim afirma que “o momento da síntese só tem sentido para o idealismo. Consiste, em última análise, em negar a própria negação, conservando aquilo que é negado (o que precisamente só é possível para o idealismo). Pelo contrário, para a dialética materialista não se trata simplesmente de negar, mas de destruir. A negação materialista não conserva aquilo que é negado: quebra-o, para construir, em seu lugar algo de *radicalmente novo*. [...] Na polêmica sobre a dialética encetada em 1964 na China, i.e, na luta entre as duas concepções ‘um divide-se em dois’ e ‘dois juntam-se em um’, a segunda concepção é falsa, precisamente por ser hegeliana. E é hegeliana por não remeter para *realidades materiais e sociais* [...], mas porque a negação que ela inicia é uma *falsa negação* que não é destruição daquilo que é negado, mas conservação no seio duma síntese ‘nova’. Por isso, esta dialética é idealista e tende a fechar ao proletariado a via da destruição da burguesia e do capitalismo. De fato, por um capricho, na concepção hegeliana da ‘*negação da negação*’ é a *própria negação que é negada*” (Bettelheim, s/d, p.79-80).

históricos concretos, ou textos específicos, ou formações ideológicas específicas (o humanismo) como algo determinado por mais de uma estrutura (ou seja, pensar o processo de sobredeterminação). Creio que “contradição” e “sobredeterminação” são conceitos teóricos muito ricos – um dos empréstimos mais felizes de Althusser a Freud e Marx. (Hall, 2003, p.164)

Como afirmei anteriormente, além da psicanálise, a influência de Mao Tsé-Tung foi fundamental para a construção do conceito de contradição sobredeterminante e sobredeterminada nos seguintes aspectos: a) na multiplicidade das contradições desiguais; b) na relação da contradição principal e secundárias; c) na identidade dos contrários que diz respeito à troca de papéis das contradições (deslocamento); e d) na identidade dos contrários em uma unidade real.<sup>5</sup>

Os conceitos de contradição e de sobredeterminação são analisados e desenvolvidos nos textos *Contradição e sobredeterminação* e *Sobre a dialética materialista* publicados em *Pour Marx*, e no livro *Ler O capital* (no capítulo “O objeto do capital”) embora neste último o foco de Althusser seja mais centrado na problemática da causalidade estrutural.

A introdução desses conceitos servia para a compreensão da Revolução Russa (e por tabela as revoluções nas formações sociais do chamado Terceiro Mundo) e rompia com o viés reducionista econômico, ou concepção monista, posto que essa concepção operaciona exclusivamente com a contradição entre as relações de produção e forças produtivas, como a única determinante às demais instâncias do modo de produção. Ao assumir a teoria de Mao sobre o conceito

5 É no mínimo paradoxal a crítica de Domenico Losurdo (2011) à teoria de Althusser no seu artigo crítico ao “marxismo ocidental”, pois Althusser foi o primeiro grande pensador marxista europeu que buscou como fonte teórica o conceito de contradição de Mao Tsé-Tung, além de suas intervenções políticas sobre a Revolução Cubana e os movimentos foquistas na América Latina, em que critica o seu ex-aluno Régis Debray. Ademais, Althusser demonstrou bastante interesse sobre as experiências socialistas do Terceiro Mundo, em especial sobre a Revolução Cultural Chinesa, como demonstrou num artigo anônimo de 1966 na revista *Cahiers marxistes-léninistes*, denominado *Sur la révolution culturelle*. É importante também ressaltar que alguns de seus discípulos foram simpatizantes do maoísmo a exemplo de Alain Badiou e Jacques Rancière. Distintamente de outros filósofos do marxismo ocidental criticados por Losurdo (como Adorno), Althusser nunca se absteve do debate político, e da análise teórica política, a exemplo do seu artigo *Contradição e sobredeterminação*. Bem distinta é a situação de Lukács cujo nome em nenhum momento é citado, e tampouco criticado, por Losurdo em seu artigo “crítico”. O que chega a ser uma contradição do filósofo italiano já que Lukács é a primeira referência intelectual do chamado “marxismo ocidental”, e é uma das maiores expressões do eurocentrismo dessa corrente, haja vista nenhuma análise dele sobre a questão colonial e pós-colonial, e das revoluções no Terceiro Mundo. Além disso, na sua obra está ausente a análise do Estado capitalista. A grande questão da qual Losurdo deveria responder é o porquê da escolha de Althusser para ser criticado e não a de Lukács que é mais identificado com a visão eurocêntrica, com o apoliticismo? Outro aspecto a ser destacado é a crença desmedida de Losurdo no marxismo oriental no que concerne a fase de transição pós-revolucionária. Não há nenhum comentário dele a respeito do fracasso da experiência do *Khmer Vermelho* liderado por Pol Pot no Camboja, como também as descontinuidades e retrocessos em outras experiências socialistas, como a argelina depois da derrubada de Ben Bella.

de contradição, Althusser rompe criticamente com a concepção monista/redutora e define a existência de uma multiplicidade de contradições, cuja fusão, numa dada conjuntura de uma formação social, possibilitaria a explosão revolucionária.

De acordo com Althusser

quando nessa situação entram em jogo, no mesmo jogo, uma prodigiosa acumulação de “contradições”, algumas das quais radicalmente heterogêneas, e não tendo todas a mesma origem nem o mesmo sentido, nem o mesmo *nível* e *lugar* de aplicação, e que portanto “se fundem” em uma unidade de ruptura, não é mais possível falar da única virtude simples da “contradição” geral. Certamente, a contradição fundamental que domina esse tempo (onde a revolução “está na ordem do dia”) é ativa em todas essas “contradições” e até na sua “fusão”. Mas não se pode, entretanto, pretender com todo o rigor que essas “contradições” e sua “fusão” não sejam mais do que *puro fenômeno* dessa contradição. (Althusser, 1986, p.98-99)

Isso significa para Althusser que devemos pensar os processos revolucionários a partir de uma complexidade que se caracteriza por uma estrutura de contradições múltiplas e desiguais, visto que nenhum processo complexo nos é dado como o desenvolvimento de um processo simples mas como resultado de um processo complexo. Para Althusser

não temos essência originária, mas um sempre-já-dado [...] não temos tampouco uma unidade simples porém uma unidade complexa estruturada. Nós não temos portanto (sob qualquer forma que seja) uma unidade simples original, mas o *sempre-já-dado de uma unidade complexa estruturada*. (Althusser, 1986, p.203, 204)

Althusser define que cada formação social possui um conjunto de estruturas nas quais possuem diferentes níveis (ou instâncias), com pesos e temporalidades desiguais. As formações sociais expressam esse todo-complexo cuja unidade se dá por uma estrutura dominante e tem como princípio uma determinação em última instância da estrutura econômica. Assim sendo, há uma multiversidade de determinações (embora o econômico seja o determinante em última instância) com uma estrutura dominante, já que expressa internamente nos seus níveis a contradição dominante, havendo alterações de dominação quando há deslocamento dessa contradição dominante para outra estrutura. Portanto, as contradições atuam de forma sobredeterminante, ou sobredeterminada.

Retomando a influência de Mao na teoria de Althusser, as diferenças entre as contradições e as relações destas com a estrutura dominante significam a existência da estrutura do todo. Isso não implica dizer que as contradições secundárias sejam o puro fenômeno da contradição principal e que a principal seja a essência das quais as secundárias seriam os fenômenos. Distintamente disso, significa que as contradições secundárias são tão essenciais à existência da contradição principal



e realmente constituem a condição de existência desta última, do mesmo modo que a contradição principal constitui a condição de existência delas. O exemplo citado por Althusser é de que as relações de produção não são o puro fenômeno das forças produtivas: são também a condição de existência dessas forças. A superestrutura não é puro fenômeno (ou reflexo) da estrutura, mas sim também a condição de existência desta. Esse condicionamento da existência de umas contradições pelas outras não nega a estrutura com dominante que reina sobre as contradições (em especial a determinação em última instância pelo econômico). Para Althusser, essa reflexão das condições de existência da contradição no interior dela mesma, essa reflexão da estrutura articulada com dominante que constitui a unidade do todo complexo no interior de cada contradição, é o traço mais profundo da dialética marxista, expresso pelo conceito de “sobredeterminação” (cf. Althusser, 1986, p.214, 215).

#### Segundo Althusser

se eu insistir muito sobre essa “reflexão”, que propus chamar “sobredeterminação”, é que é absolutamente necessário isolá-la, identificá-la e dar-lhe um nome, para se tomar teoricamente conhecimento da sua realidade, o que nos impõe tanto a prática teórica quanto a prática política do marxismo. [...] A sobredeterminação designa, na contradição, a seguinte qualidade essencial: a reflexão, na própria contradição das suas condições de existência, ou seja da sua situação na estrutura com dominante do todo complexo. [...] É preciso admitir que a contradição deixa de ser unívoca (as categorias deixam de ter, de uma vez por todas, um papel e um sentido fixos), porque reflete em si, na sua própria essência, a sua relação com a estrutura desigual do todo complexo. Mas é necessário acrescentar que, deixando de ser unívoca, nem por isso se torna “equivoca”, produto da primeira pluralidade empírica surgida, à mercê das circunstâncias, e dos “azares”, o seu puro reflexo como a alma de tal poeta não seria mais do que essa nuvem que passa. Muito ao contrário: deixando de ser unívoca, e portanto determinada de uma vez por todas, no seu papel e na sua essência, mostra-se determinada pela complexidade estruturada que lhe determina o seu papel como [...] sobredeterminada. (Althusser, 1986, p.215)

Em “O objeto do capital”, no livro *Ler O capital*, Althusser em vez de usar o conceito de sobredeterminação emprega o de “causalidade estrutural” e exclui o conceito de contradição. Assim como a sobredeterminação, esse conceito é também oriundo da psicanálise e da linguística,<sup>6</sup> e afirma que a estrutura dominante – a

6 Como podemos perceber num artigo de Jacques-Alain Miller contemporâneo ao livro *Ler O capital*: “O discurso que o sujeito emite, ele o recebe e a determinação se inverte. Explorar-se-á pois o espaço do deslocamento da determinação. Ao mesmo tempo unívoca, reprimida e interior, retirada e declarada, ela não poderá ser qualificada senão como causalidade *metonímica*. A causa se

econômica – determina as demais estruturas (jurídico-política e ideológica) sem que a sua presença seja perceptível, i.e., o grau da sua eficácia seja visível. O mesmo se dá em relação às demais estruturas no que concerne às suas eficácias como podemos observar nessa passagem:

o que está oculto na sociedade capitalista é claramente visível na sociedade feudal ou na comunidade primitiva, é nestas últimas sociedades que vemos claramente que *o econômico não é claramente visível!* – do mesmo modo que, nessas mesmas sociedades, vemos também claramente que o grau de eficácia dos diferentes níveis da estrutura social *não é claramente visível!* (Althusser, 1980, p.128, grifos do texto original)<sup>7</sup>

Para fundamentar o conceito de causalidade estrutural e afirmar que uma estrutura dominante determina as demais (a exemplo de uma estrutura de uma região específica como o econômico, a determinação e o domínio de que uma estrutura da produção tenha sobre as demais estruturas da produção, como também poderia ser pensado da determinação e domínio da ideologia jurídica na região ideológica em relação a outras ideologias, de caráter religioso, estético, esportivo etc.), Althusser cita uma passagem de Marx na *Introdução de 1857* (texto central para Althusser na definição do papel das determinações) na qual afirma

em todas as formas de sociedade, é uma determinada produção e suas correspondentes relações que estabelecem a posição e a influência das demais produções e suas respectivas relações. É uma iluminação universal em que todas as demais cores estão imersas e que as modifica em sua particularidade. É um éter particular

---

metáfora num discurso, e em geral em toda estrutura: porque a condição necessária ao funcionamento da causalidade estrutural é que o sujeito tome o efeito *pela causa*. Lei fundamental da ação da estrutura” (Miller, 1972, p.93).

7 Nicole-Édith Thévenin faz severas críticas a Althusser pelo excesso de formalismo e economicismo no emprego do conceito de causalidade estrutural nesse livro que seria somente retificado em sua fase de autocrítica a partir do texto *Resposta a John Lewis* nos anos 1970 (2010, p.19-20). Contudo, a despeito do formalismo e da ausência do conceito de contradição, a ênfase na determinação do econômico explica-se pelo fato de que Althusser nesse texto teve como objeto de investigação o papel da estrutura econômica tal como foi central na análise de Marx em *O capital*. Mesmo com esse excesso por parte de Althusser e a ausência do conceito de contradição, esse texto tem a sua importância na crítica às correntes ontológicas historicista/humanistas que deixaram em segundo plano as determinações do econômico ao enfatizarem os aspectos subjetivos do homem (indivíduo) e de sua “alienação com o trabalho”. Ademais, Althusser nunca desconsiderou que a sua intervenção teórica, mesmo em tom formalista, estava desprovida de ser também uma intervenção política. A linha de demarcação estabelecida por ele em sua obra inicial da revolução teórica de Marx diante das interpretações ontológico-humanistas (em geral, de fundo político reformista), já é por si mesma uma ação política, como mostram as inúmeras críticas e reações desencadeadas contra esse livro, como também à sua recepção por segmentos revolucionários marxistas (muitos de tendência maoísta), naquele contexto. Sobre a recepção do marxismo althusseriano pelas correntes de esquerda revolucionária, ver Motta (2011).

que determina o peso específico de toda existência que nele se manifesta. (Marx, 2011, p.59)

De acordo com Althusser, essa metáfora do éter e da luz consegue designar simultaneamente a presença e ausência, i.e., a existência da estrutura em seus efeitos. Isso não significa que a estrutura seja uma essência externa a seus efeitos. Ao contrário, implica que a estrutura seja imanente a seus efeitos, causa imanente de seus efeitos e que toda a existência da estrutura consista em seus efeitos.<sup>8</sup> Desse modo, uma estrutura ideológica, ou jurídico-política, resultaria de seus próprios efeitos e não de causas externas a elas, embora estivessem articuladas e determinadas pela instância econômica.

Ao tratar do papel das estruturas no “todo-complexo”, Althusser destaca que a reprodução – e a transformação – dessas estruturas dá-se pelo conjunto de práticas. Se as estruturas são estruturantes das práticas, elas também não deixam de ser estruturadas por estas. As práticas, portanto, são estruturadas (na reprodução) e estruturantes (na transformação). Althusser define como prática em geral todo processo de transformação de uma determinada matéria-prima dada em um produto determinado, transformação efetuada por um determinado trabalho humano, utilizando meios (“de produção”) determinados. Para Althusser, o momento determinante do processo não é bem a matéria-prima, nem o produto, mas a prática em sentido estrito: o momento do próprio trabalho de transformação, que põe em ação numa estrutura específica, homens, meios e um método técnico de utilização dos meios. De acordo com Althusser, essa definição geral da prática inclui em si a possibilidade da particularidade: existem práticas diferentes, embora organicamente pertençam ao mesmo todo-complexo.

A “prática social”, a unidade complexa das práticas existentes numa sociedade determinada, as articula enquanto uma unidade diferenciada na qual uma prática predomina sobre as outras de acordo com a conjuntura, ou com a instância onde atuam, já que as instâncias não são “puras” e são compostas pelo conjunto das práticas, mas há predominância da prática que lhes seja correspondente. A prática social, portanto, comporta a prática econômica, a prática política, a prática ideológica e a prática teórica (cf. Althusser, 1986, p.167). A prática social não é uma “práxis”, já que é distinta da afirmação reducionista de Gramsci de que para haver uma unidade para a formação de uma ação crítica tem de existir identificação entre a teoria e a prática (cf. Gramsci, 1981, p.51-52). Para Althusser, a prática teórica

8 Cf. Althusser (1980, p.141). Não há no marxismo uma causalidade linear constituída por uma “essência”, tampouco um reflexo mecânico. Em seu texto de 1966 *Sobre a gênese*, uma estrutura não deriva de outra. Significa afirmar que o modo de produção feudal não é o “pai” do modo de produção capitalista no sentido de que este encontrava-se contido, “em germe”, no modo de produção feudal. Isso que dizer que para compreender a produção de um efeito em B não basta considerar a causa A (imediatamente precedente, ou claramente em relação com o efeito B) isoladamente, mas a causa A enquanto elemento de uma estrutura enquanto que ocupa um lugar, portanto, submetida às relações estruturais específicas que definem a estrutura em questão (cf. Althusser, 2012, p.2-3).

distingue-se da prática política, mas é articulada com esta para o conhecimento das contradições políticas e, por seu turno, a prática política (revolucionária) tem na teoria o conhecimento das contradições para a constituição das estratégias políticas de ruptura. A teoria pode estar contida em “estado prático” na prática política, mas não é igual à prática teórica. Para Althusser, durante a Revolução de 1917 e nas reflexões de Lenin, a dialética marxista (produção de conhecimentos) encontrava-se na prática da luta de classes. A prática política produz transformações (revoluções) nas relações sociais, mas não se confunde com a prática teórica, já que há uma separação – e distinção – do concreto real em relação ao concreto pensado (cf. Althusser, 1980, p.23-24 e 1986, p.189; Marx, 2011, p.54-55).<sup>9</sup>

A determinação das práticas sociais (ou de classe) pela estrutura e a intervenção das práticas na estrutura consistem na produção pela estrutura dos limites de variações da luta de classes: são estes limites que são os efeitos das estruturas. Poulantzas trata dessa questão ao analisar os limites da prática política pelas demais estruturas:

a prática política, prática sobredeterminante que concentra em si as contradições dos outros níveis de luta de classe, está inscrita em limites, que são os efeitos do campo global da luta de classes e dos diversos níveis desta luta sobre a prática política. No entanto, estes limites são de segundo grau, na medida em que o campo das práticas está também circunscrito pelos efeitos das estruturas enquanto limites. Nesse sentido, a prática política é exercida, por um lado, nos limites fixados pelas outras práticas e pelo campo global de práticas de classe – luta econômica, política, ideológica –, enquanto que, por outro, este campo está também circunscrito pelos efeitos da estrutura como limites. [...] a conjuntura<sup>10</sup> aparece como os efeitos das

9 A definição da prática teórica das demais práticas marca, pelo menos nesse aspecto, uma divergência entre Althusser e Mao. Para Mao (2001), em seu ensaio *Sobre a prática*, a prática teórica é completamente dependente e direcionada pelas práticas sociais, i.e., subordinada às práticas política e ideológica. E, como bem observa Balibar (2004, p.34), embora Althusser reconheça que a “teoria estivesse em estado prático” durante os processos revolucionários (Rússia, China), não haveria uma primazia da prática sobre a teoria, mas sim de que a prática precede a teoria e a excede permanentemente.

10 Por conjuntura – como afirma Badiou – entenda-se o sistema de instâncias enquanto pensável segundo o trajeto explicitamente estabelecido pelas hierarquias móveis das eficácias. A conjuntura é antes de tudo a determinação da instância dominante, cuja localização estabelece o ponto de partida da análise racional do todo (Althusser; Badiou, 1979, p.21). Poulantzas complementa a análise de Badiou ao definir que a conjuntura permite decifrar a individualidade histórica do conjunto das estruturas e de seus níveis de uma formação social, em suma, a relação da individualidade concreta das estruturas e da configuração concreta das lutas de classes. Neste sentido, a superestrutura política do Estado, que é o objetivo da prática política, é também refletida na conjuntura, um elemento do objeto desta prática: conquistar o poder do Estado (Poulantzas, 1977, p.92). Althusser também fala de uma *conjuntura teórica* que, tal como a conjuntura política, não é meramente contingente. Retomando Mao, por ser uma realidade objetiva, há também nela questões principais e questões secundárias. E ela possibilita teoricamente perceber as variações concretas da conjuntura em sua determinação fundamental, i.e., da determinação em última instância da economia (cf. Althusser, 1997, p.382-400).

estruturas no campo das práticas concentradas, na sua unidade, ao nível da luta política de classe. Estes limites regulam enquanto tais, um jogo de variações possíveis das forças sociais, em suma, a intervenção da prática política que é aqui a intervenção concentrada do campo das práticas, sobre as estruturas. A eficácia da estrutura no campo das práticas é pois limitada pela intervenção, sobre a estrutura, da prática política. (Poulantzas, 1977, p.91-92)<sup>11</sup>

As práticas, portanto, têm limites nas suas ações mediante as limitações dos conjuntos das estruturas. Essa demarcação dos limites das práticas indica que não há uma prática absoluta sobre as demais, significando que na relação entre as estruturas e suas instâncias, as estruturas determinadas e dominadas não são mero reflexo mecânico da estrutura determinante e/ou dominante. Esse “todo-complexo-estruturado” implica que cada estrutura determine as outras, pois se o econômico determina o ideológico, este, por sua vez, determina o econômico. O mesmo pode ser visto na estrutura jurídico-política relativamente às demais. Isso não significa que haja uma reciprocidade mecânica entre as estruturas, pois o econômico sempre atua como determinante “em última instância”, mas sim que nenhuma estrutura seja impermeável às práticas e às contradições das outras estruturas.

Dessarte, por ser um “todo-complexo-estruturado” com autonomia relativa entre as estruturas e as instâncias, as temporalidades dessas estruturas são diferenciadas. Cada uma possui um tempo próprio, o que leva cada nível a ter um desenvolvimento distinto um do outro, ou seja, cada uma possui uma história própria. Contudo, cada um desses tempos e cada uma dessas histórias, embora sejam autônomos, não significa que constituam outros tantos domínios independentes do todo: a especificidade de cada um desses tempos, de cada uma dessas histórias, em outras palavras, sua autonomia e independência relativas, fundam-se em certo tipo de articulação no todo e, portanto, em certo tipo de dependência em relação ao todo.

#### Para Althusser

a história da filosofia, por exemplo, não é uma história independente por direito divino: o direito dessa história a existir como história específica é determinado pelas relações de articulação e, pois, de eficácia, relativas, existentes no interior do todo. A especificidade desses tempos e dessas histórias é portanto *diferencial*,

---

11 O conceito de práticas continuará ocupando um espaço importante nos trabalhos posteriores de Althusser, a exemplo da sua obra *Sobre a reprodução* (1999) escrita em 1969, na qual marca certas mudanças em sua teoria já que inclui o conceito de aparelhos (ideológicos e repressivos) e deixa de enfatizar as regiões estruturais dos modos de produção. As práticas são constituídas nos aparelhos e reproduzem (e mantêm) as relações sociais de produção. Contudo, não significa que as práticas percam seu aspecto estruturante (transformador) criado (desenvolvido) pelas organizações (partidos, movimento) revolucionárias, e desse modo modifiquem o caráter político, ideológico e econômico dos aparelhos.

dado que fundada nas relações diferenciais existentes no todo entre os diferentes níveis: o modo e o grau de *independência* de cada tempo e cada história são, pois determinados com inevitabilidade pelo modo e grau de *dependência* de cada nível no conjunto das articulações do todo. [...] Esse princípio é que fundamenta a possibilidade e a inevitabilidade de *histórias* diferentes que correspondem respectivamente a cada um desses “níveis”. Esse princípio é que nos autoriza a falar de uma história das religiões, de uma história das ideologias, de uma história da filosofia, de uma história da arte, de uma história das ciências, sem jamais nos dispensar, mas pelo contrário, nos impondo a obrigação de pensar a independência relativa de cada uma dessas histórias na dependência específica que articula os diferentes níveis uns com os outros no todo social. (Althusser, 1980, p.40)

É importante destacar o antieconomicismo de Althusser quando afirma a existência da acumulação de determinações eficazes sobre a determinação em última instância pelo econômico. A sobredeterminação torna-se inevitável e pensável desde que se reconheça a existência real, em grande parte específica e autônoma, irredutível a um puro fenômeno, das formas da superestrutura e da conjuntura nacional e internacional. O que significa dizer que a dialética econômica jamais age em estado puro. Há sempre uma desigualdade entre as instâncias nas formações sociais, e essa desigualdade não é definida pela exterioridade entre as estruturas, mas sim sob uma forma organicamente interior a cada instância da totalidade social, a cada contradição.

A presença do pensamento de Mao na construção dos conceitos de contradição sobredeterminante aparece também nas definições de “não antagonismo”, “antagonismo” e “explosão” na contradição. Quando Althusser afirma que a contradição é motriz e que ela implica defrontações reais situadas em lugares precisos da estrutura do todo complexo, significa dizer que o lugar da confrontação pode variar segundo a relação atual das contradições na estrutura com dominante; é dizer que a condensação da luta de um lugar estratégico é inseparável do deslocamento da dominante entre as contradições. Esses fenômenos orgânicos de deslocamento e condensação são a própria existência da “identidade dos contrários”, pois possibilitam a ruptura que sanciona o momento revolucionário da refundição do todo. Desse modo, podemos

distinguir para a prática política entre os momentos distintos de um processo: “não antagonismo”, “antagonismo” e “explosão”. Caracterizaria o primeiro momento em que a sobredeterminação da contradição existe *na forma dominante do deslocamento*; o segundo, como momento em que a sobredeterminação existe *na forma dominante de condensação*; o último, a explosão revolucionária como momento da condensação global instável provocando o desmembramento e a recomposição do todo, ou seja, uma reestruturação global do todo sobre uma base qualitativamente nova. (Althusser, 1986, p.222)

Para finalizar, Décio Saes (2007) tem razão quando afirma que o marxismo althusseriano peca por algumas imprecisões nas definições de alguns conceitos, como é caso da contradição sobredeterminante e de causalidade estrutural, já que ambos tratam da mesma problemática e têm o mesmo sentido “prático”, pois analisam os efeitos nas estruturas a partir de uma estrutura determinante e/ou dominante. Enquanto o segundo obscurece o papel das contradições, o primeiro as destaca e as situa num ponto central para a análise dos aspectos determinantes e dominantes das estruturas e das instâncias correspondentes a essas estruturas.<sup>12</sup> E sendo a luta de classes o “motor da história” articulada com os demais conflitos não classistas, o conceito de contradição, com efeito, é central para a teorização e definição da relação entre as diversas estruturas e a delimitar qual é a estrutura dominante, visto que esta é definida enquanto tal por conter a contradição principal numa formação social, e a partir dela entender a reprodução das relações de poder das classes e grupos dominantes, e o estabelecimento das estratégias revolucionárias para a transformação da formação social.<sup>13</sup>

### Considerações finais

Nos anos 1970, na chamada fase de “autocrítica”, Althusser manteve-se fiel em muitos aspectos a suas posições teóricas e políticas demarcadas em seus trabalhos iniciais. A sua relação com o maoísmo não foi rompida; pelo contrário, a retomada do conceito de contradição principal e secundária de Mao Tsé-Tung está presente em seu texto *Elementos de autocrítica*, como também pode-se perceber a influência política do maoísmo em seus últimos textos dos anos 1970 – *Enfim, a crise do marxismo*; *Marxismo como teoria finita*; e *O marxismo hoje* – no tocante à crítica da relação entre o partido revolucionário e o Estado. A problemática da determinação em última instância também permanece presente no texto *Sustentação em Amiens*, ao defender o conceito de “todo-complexo-estruturado com

12 Ao refutar o rótulo de “estruturalista”, Althusser, em *Elementos de autocrítica*, afirma que o marxismo não se diferencia do estruturalismo apenas pela prioridade do processo sobre a estrutura, mas sim pelo primado da contradição sobre o processo, o que torna o marxismo uma ciência revolucionária já que se põe sobre posições teóricas de classe revolucionárias (cf. Althusser, 1998, p.181).

13 Ao priorizar o papel das contradições, demarco uma posição oposta à de Balibar (1980) no seu primeiro trabalho de relevo (“Sobre os conceitos fundamentais do materialismo histórico”) quando ele afirma que as contradições são efeitos das estruturas: “essa definição encerra também a limitação do papel da contradição, isto é, sua situação de dependência em relação à causa (à estrutura): a contradição é apenas entre os efeitos, mas a causa não é em si dividida; não pode analisar-se em termos antagônicos. A contradição não é, pois, originária, mas derivada. Os efeitos são organizados numa série de contradições particulares, mas o processo de produção desses efeitos não é de modo algum contraditório” (p.254). Se as estruturas são estruturantes, mas também estruturadas, significa afirmar que as contradições estão inseridas na constituição das estruturas, como também na formação das práticas e dos processos. Não há, portanto, um antes e um depois, em relação às estruturas e às contradições, mas a própria formação das estruturas e o seu papel de determinante, ou de dominante, pressupõe a existência das contradições em seu interior, o que denota o seu dinamismo interno e as suas transformações pela luta de classes.

dominante” em relação ao de “totalidade”, e da metáfora do edifício em relação ao de “círculo”, ou “esfera” hegeliana, visto que “o todo marxista é complexo e desigual, e marcado de desigualdade pela determinação em última instância” (Althusser, 1998, p.214). E se “todo desenvolvimento é desigual é porque é a contradição que move o desenvolvimento e a contradição é desigual” (ibidem, p.216).

No entanto, a posição de Althusser em relação à determinação em última instância do econômico mudou no decorrer do tempo. Na sua última entrevista, dada a Fernanda Navarro (1988), ele refuta o conceito de determinação em última instância pelo econômico, já que o primado da materialidade possibilitava que em dada conjuntura específica “tudo podia ser determinante em última instância”, i.e, tudo poderia dominar. O que importa é a materialidade que determina as estruturas. Como afirma Althusser numa passagem dessa entrevista:

é por isso que me tenho interessado tanto em mostrar a materialidade, de fato, de toda a superestrutura e de toda a ideologia, como o fiz nos aparelhos ideológicos do Estado (AIE). É ali onde se há de encontrar o conceito de “última instância”, o deslocamento da materialidade, sempre determinante “em última instância” em cada conjuntura concreta. [...] Toda conjuntura é um caso singular como todas as individualidades históricas, como tudo o que existe. (Althusser; Navarro, 1988, p.35, 37)

Althusser, com efeito, dá uma reviravolta nos seus últimos escritos sobre a determinação em última instância do econômico, ao abarcar uma posição próxima ao relativismo pós-estruturalista, embora não tenha rejeitado muitas de suas posições precedentes, a exemplo de sua crítica às concepções humanistas e teleológicas da história que ainda se fazem presentes em determinadas correntes do marxista. Ademais, com a recente crise econômica do modelo neoliberal que afetou diferentes formações sociais (Argentina, EUA e Europa) e acabou por resultar numa reação política e ideológica por outras formações sociais, particularmente na América Latina e a constituição de inúmeros movimentos sociais antineoliberais, as análises de Althusser de sua fase inicial ainda se fazem necessárias na compreensão das determinações recíprocas entre as instâncias. Significa dizer que as recentes contradições antagônicas nas instâncias econômicas foram determinantes para a crise hegemônica do capitalismo neoliberal, e para a emergência de modelos alternativos (sobretudo na América Latina) ao neoliberalismo.

De qualquer maneira, o marxismo althusseriano, para ser entendido, tem de ser estudado no todo para percebermos essas variações e complementações que ocorreram ao longo da sua trajetória política e intelectual. A receptividade que a sua teoria tem obtido nos dias atuais, um momento marcado pela crise do capitalismo nesse início de século, mostra que a contribuição de Althusser para o marxismo, e para o pensamento crítico em geral, continua ainda em vigor pela sua intensa criatividade e rigor conceitual, necessários para analisar a presente crise.



## Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. *Pour Marx*. Paris: Edicions La Découverte, 1986.
- . O objeto do capital. In: ALTHUSSER, Louis et al. *Ler O capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- . *Solitude de Machiavel*. Paris, PUF, 1998.
- . *Écrits philosophiques et politiques*. Tomo II. Paris: Stock/Imec, 1997.
- . *Sobre a reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- . Sur la genèse, *Décalages*, v.1, n.2. Disponível em <<http://scholar.oxy.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1026&context=decalages>>.
- ; NAVARRO, Fernanda. *Filosofia y marxismo*. México: Siglo XXI, 1988.
- ; BADIOU, Alain. *Materialismo histórico e materialismo dialético*. São Paulo: Global, 1979.
- BADIOU, Alain *Théorie de la contradiction*. Paris: Maspero, 1975.
- . *Compêndio de metapolítica*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- . *L' hypothèse communiste*. Paris: Ligne, 2009.
- . La idea del comunismo. In: HOUNIE, Anália (org.). *Sobre la idea del comunismo*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- BALIBAR, Étienne. Sobre os conceitos fundamentais do materialismo histórico. In: ALTHUSSER, Louis et al. *Ler O capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- . *Escritos por Althusser*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.
- BETTELHEIM, Charles. Uma carta sobre o marxismo de Mao. In: ROSSANDA, Rossana et al. *Quem tem medo da China?*. Lisboa: Dom Quixote, s/d.
- FERRY, Luc; RENAULT, Alain. *Pensamento 68*. São Paulo: Ensaio, 1988.
- GILLOT, Pascale. *Althusser y el psicoanálisis*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- ÍPOLA, Emílio de. *Althusser, el infinito adiós*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- LOSURDO, Domenico. Como nasceu e como morreu o “marxismo ocidental”, *Estudios Sociológicos*, v.16, n.30, Araraquara, Unesp, 2011, p.213-242.
- MAO TSÉ-TUNG. *Obras escolhidas*. v.1. São Paulo: Alfa-Ômega, 2011.
- MAO TSÉ-TUNG; ZIZEK, Slavoj. *Sobre a prática e contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MILLER, Jacques-Alain. Ação da estrutura, *Revista Tempo Brasileiro*, n.28, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1972, p.82-95.
- MOTTA, Luiz Eduardo. Sobre “Quem tem medo de Louis Althusser?”, de Carlos Henrique Escobar, *Achegas.net*, n.44. Disponível em <<http://www.achegas.net>>, 2011, p.105-120.
- NAVES, Márcio Bilharinho. *Mao, o processo da revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- POULANTZAS, Nicos. *Poder político e classes sociais*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- SAES, Décio. O impacto da teoria althusseriana da história na vida intelectual brasileira. In: MORAES, João Quartim (org.). *História do marxismo no Brasil*. 2.ed. v.3. Campinas: Unicamp, 2007, p.13-150.
- THÉVENIN, Nicole-Édith. O itinerário de Althusser. In: NAVES, Márcio Bilharinho. *Presença de Althusser*. Campinas: Unicamp, 2010, p.9-30.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**A grande virada de Lenin**

João Quartim de Moraes

**A moral em Marx**

Yvon Quiniou

**Althusser, o marxismo e o historicismo**

Maurício Vieira Martins

**Edição da *MEGA*: da política à filologia**

Gerald Hubmann

**Comentários: os *Grundrisse* e sua edição brasileira**

Claus Germer, Eleutério Prado e

Pedro Leão da Costa Neto

# 34

*Abstract:* This article attempts to discern what is at stake in the ‘Chapter of money’ in the work of Karl Marx *Grundrisse*, and argues that in such analysis and critique of Money is at stake a power struggle and the formulation of a clear political argument about it. The vector that orients the political assessments of the philosopher of Trier is a principle, the human life, understood as avoidance and satisfaction of need, and the freedom as the possibility of action against the contingency. To brandish ‘another policy’ is started by warn of the dangers of absolute commodification of life, it does by placing as the epistemological archimedean locus of criticism on ‘point of view of the living individual.’

*Keywords:* Theory of money, Civil society, Critique of politics, Karl Marx.

## O (re)começo do marxismo althusseriano

LUIZ EDUARDO MOTTA

*Resumo:* Esse artigo discute a contribuição de Althusser para a análise de conjuntura política a partir do seu célebre texto *Contradição e sobredeterminação*, no qual ele define que a pluralidade de contradições, e os seus deslocamentos e fusões proporcionam momentos explosivos (revolucionários) que não podem ser explicados pela ótica monista, i.e., pelo reducionismo econômico, tampouco em decorrência de uma única contradição (relações de produção e forças produtivas). O trabalho mostra a decisiva influência teórica do pensamento de Mao Tsé-Tung para a constituição desse importante conceito para a análise de conjuntura política.

*Palavras-chave:* Althusserianismo, Maoismo, Contradição, Sobredeterminação.

*Abstract:* This article is intended to discuss the contribution of Althusser to analyze the political situation from his famous text *Contradiction and overdetermination*, in which he defines the plurality of contradictions, and their displacements and fusions provide explosive moments (revolutionary) that can not be explained by the monistic perspective, i.e., the economic reductionism, either due to a single contradiction (production relations and productive forces). This work shows the decisive influence of the theoretical thought of Mao Zedong, to the constitution of this important concept for the analysis of political trends.

*Keywords:* Althusserianism, Maoism, Contradiction, Overdetermination.